A comunhão divina, modelo de relações-holismo

Resumen

Este artigo desenvolve o tema proposto a partir das experiências cotidianas de relações entre pessoas e com a natureza, tendo bem presentes as visões da Trindade transmitidas pela teologia escolástica, na busca de aproximá-las da vida diária. No intuito de desconstruir imagens patriarcais de Deus que nos impedem de experimentar sua presença em cada ser e nas relações, apresenta metáforas bíblicas relacionais que podem contribuir para a descoberta de que a Presença que nos habita irrompe de todo o cosmos. Na escuta do permanente convite da comunhão divina para que relações amorosas, abertas e solidárias sejam cultivadas, o futuro da vida na Terra torna-se mais provável.

Abstract:

This article develops the proposed theme from the daily experiences of relationships between people and nature, bearing in mind the views of the Trinity transmitted by scholastic theology, seeking to bring them closer to daily life. In order to deconstruct patriarchal images of God that prevent us from experiencing his presence in every being and in relationships, he presents relational biblical metaphors that may contribute to the discovery that the indwelling Presence erupts from the entire cosmos. Listening to the permanent invitation of divine communion to cultivate loving, open and supportive relationships, the future of life on earth becomes more likely.

Introdução

Este tema é, para mim, um desafio e uma atração. Buscarei aprofundá-lo a partir de experiências humanas bem cotidianas e, ao mesmo tempo, das dimensões mais amplas da vida, como as relações com a Terra e o universo, tendo presente o símbolo da Trindade nas igrejas cristãs, tal como o aprendemos e escutamos sem poder apreender seus significados. Recolho também experiências religiosas muito antigas, como a dos povos celtas, para os quais “a imagem feminina de Deus é uma Trindade simbolizada por três mulheres, representando aspectos essenciais de toda a vida

humana”¹. Esta informação ajuda-me a perceber que há também visões de Divindades relacionais nas antigas religiões dos povos originários e de remanescentes africanos do nosso Continente. Esta descoberta desafia-me a buscar entender um pouco mais nossa fala sobre a Trindade Divina:

“Quando falamos de Deus-Trindade entra em ação esta lógica das relações interpessoais e não dos números. Em outras palavras: a natureza íntima de Deus não é solidão, mas comunhão. Se houvesse um só e único Deus reinaria, de fato, a absoluta solidão. Se houvesse dois Únicos, num frente a frente ao outro, vigoraria a distinção e, ao mesmo tempo, a separação e a exclusão (um não é o outro) e uma mútua contemplação. Não seria egoísmo a dois? Com o três o um e o dois se voltam para o três, superam a separação e se encontram no três. Irrompe a comunhão circular e a inclusão de uns nos outros, pelos outros e com os outros, numa palavra: a Trindade”.²

Com os escritos de Ivone Gebara e Leonardo Boff, comecei a descobrir sentidos para este símbolo da Trindade. Até então, a Trindade era um ‘mistério’ longínquo, que nada tinha a ver com minhas experiências cotidianas da Divindade e com minhas relações com pessoas e natureza. Foi o enfoque na comunhão divina que me despertou para compreender o mistério da comunhão divina, sem me deter nas referências da lógica racional.

No esforço de aprofundar e trazer para minha vida esta nova perspectiva, passei a buscar um ícone ou metáfora que me levasse a uma identificação com a Trindade e a viver mais conscientemente a imagem e semelhança divina (Gn 1,26), através das relações. Que aspectos da vida humana me ajudariam a encontrar sentidos para um cotidiano em que as relações tornam-se cada dia mais desafiadoras e o poder de cuidar e defender a vida deixa de circular, pelo aumento do medo e da discriminação? E me detive em uma experiência pessoal de fascínio e de medo diante de uma fonte, quando caminhava em uma trilha, no meio da mata. Exuberante e misteriosa em sua biodiversidade, ela estava envolvida por um ecossistema com aparência de desordem total. Mas, nesse espaço onde tudo estava misturado e integrado, formando uma rica, misteriosa e assustadora diversidade, a vida podia subsistir na sua variedade e seguir recriando-se. A água que brotava da fonte cantarolava em meio às árvores, cobras e cipós, sapos e mosquitos, orquídeas e bromélias. Tudo integrado, atraente, com uma incrível força vital e em aparente desordem.

¹ Ivone Gebara, Trindade, palavra sobre coisas velhas e novas – Uma perspectiva ecofeminista, São Paulo: Paulinas, 1994, p. 18; Apud Robert Lentz, “The Celtic Trinity”, in Creation Spirituality, Jan/Fev, Oakland, CA, USA.

² Leonardo Boff, No princípio está a comunhão dos Três e não a solidão do Uno, in <https://leonardoboff.wordpress.com/2012/10/22/no-principio-esta-a-comunhao-dos-tres-e-nao-a-solidao-do-uno> em 28/04/2017.

1. *Experiências da Comunhão Divina*

E, ajudada por Ivone Gebara, dou um salto da contemplação da natureza para olhar com atenção contemplativa a vida humana, onde “a espantosa multiplicidade, o pluralismo, a impressionante diferença, a atordoante mudança das coisas, a fragilidade, a provisoriedade, a mistura de vida e de morte tornam-se uma experiência básica para apreender a Trindade”...³ Ao mesmo tempo em que vejo, escuto e interiorizo os clamores dos pobres, em vista de compromissos concretos com suas lutas, busco perceber também os sentimentos que me habitam.

Neste momento histórico, vivo uma experiência dolorosa de impotência e indignação diante da prepotência do poder do dinheiro, que está recolonizando a América Latina e o Caribe. Observo como o capitalismo submete-nos aos seus instintos destruidores da vida em todas as suas dimensões, para aumentar seu poderio e prosperidade. Crescem a corrupção e a concentração das riquezas e do poder de um pequeno grupo de privilegiados. Aumenta a violência cotidiana e brutal contra jovens, mulheres, LGBTQs, negros, indígenas.

Nesse contexto e com estes sentimentos, escuto o chamado da Comunhão Divina para seguir firme na caminhada libertadora dos empobrecidos. Ela é única e ao mesmo tempo múltipla; é holística e singular, geral e original. Olho à minha volta e constato que há muita diversidade em nós e entre nós. Ela tem sido causa de muitos conflitos e divisões que inviabilizam as lutas pela libertação. Precisamos descobrir que esta diversidade, que às vezes incomoda, pode ajudar-nos a crescer, amadurecer e a perceber nossa existência como parte integrante de um mistério maior, o mistério da comunhão divina. A partir da identificação com este mistério podemos enfrentar o desafio das relações abertas e gratuitas, para fazer uma caminhada conjunta contra a dominação do império do dinheiro e sua ideologia consumista.

Mas, as imagens patriarcais de Deus que aprendemos e guardamos em nosso interior não permitem que experimentemos a Divindade em nossas experiências tão humanas de vulnerabilidade e impotência, empoderamento e força. Descobrir em nós e em nossas relações cotidianas a presença da Divina Comunhão é fascinante e urgente, porém muito difícil. Por isso, resgato metáforas bíblicas cotidianas e holísticas que passaram a sustentar-me neste processo de ser e de tecer história a partir do trabalho em rede com grupos de mulheres, com o movimento bíblico, com diferentes setores que reagem à dominação e à opressão dos privilegiados.

Segundo Ivone Gebara, “é preciso voltar a nossa experiência cotidiana para verificar nela o fundamento da nossa imagem de Deus”⁴.

³ Ivone Gebara, Trindade, palavra sobre coisas velhas e novas – Uma perspectiva ecofeminista, p. 26.

⁴ Ivone Gebara, Trindade, palavra sobre coisas velhas e novas – Uma perspectiva ecofeminista, p. 27.

Então, volto às experiências de encontro pessoal com a Divindade e as relaciono com as metáforas que deram sentido à caminhada histórica de comunidades judaicas e cristãs.

2.1. Uma divindade trabalhadora, criadora, próxima

Em nosso itinerário espiritual, cada dia vamos percebendo melhor o mistério que nos envolve. Mesmo inconscientemente, estamos continuamente ligados a este mistério, “pois nele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17,28). Experimentamos de muitas maneiras esta presença do mistério em nós. Muitas vezes nos surpreendemos com o mistério que somos. Um mistério que se esconde e se revela em cada ser. No entanto, nossa fala sobre Deus é limitada. Sempre se usou de comparações tiradas da vida para falar sobre Deus. A teologia cristã, com sua reflexão racional e lógica não consegue comunicar a experiência de encontro surpreendente com a Divindade. Elaborada cuidadosamente a partir de conhecimentos teóricos e da ortodoxia, a teologia cristã não toca os corações, somente gera idéias.

Um dos aspectos da vida humana que fica muito desligado da linguagem teológica é o trabalho. Deus se revela como criador e recriador permanente da vida. Realiza um trabalho contínuo, criativo, restaurador, resgatador, que busca manter o equilíbrio do universo, de todas as Galáxias, de todos os Oceanos e também da vida em suas pequeninas manifestações.

Dentro de toda esta teia de vida está a natureza e também os seres humanos. Por isso, não pode existir dominação do ser humano sobre a natureza, já que toda dominação se apoia na presunção da superioridade de uns sobre outros.

“O medo aos imprevisíveis elementos da natureza esteve presente desde os primórdios da vida dos seres humanos. Pouco a pouco, a ancestral e difícil luta por sobreviver foi se transformando em um desesperado esforço por dominar a natureza. E o ser humanos, com suas forças de organização social antropocêntrica, posicionou-se figurativamente fora dela”.⁵

Um artigo de Teilhard Chardin, intitulado “Vida Cósmica” iluminou minha visão desta relação entre os seres humanos, o trabalho e o universo. Teilhard parte de sua própria experiência. Ele conta que uma vez empreendeu uma viagem para o mais profundo do seu ser, para dentro do mistério do seu próprio corpo, empunhando uma lâmpada. Dentro de si mesmo ele tentou ver e ouvir aquilo de que normalmente não se tem consciência: sua ligação com tudo o que existiu, existe e existirá. Toma consciência de que os átomos, as moléculas e as células o ligam profundamente

⁵ Alberto Acosta. *O Bem Viver. Uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária. Elefante, 2016, p.101.

com todo o universo. Teilhard afirma: “A minha vida não é propriamente minha”. Esta afirmação é consequente com a descoberta de que dentro dele está escondida a imensa multidão dos seres cujo trabalho, infinitamente paciente e longo, veio trazendo o fio da vida até ele.

Nesta descrição da sua experiência, Teilhard nos ajuda a ver duas coisas: 1. O nosso mundo é feito de relações e de interdependências. Se uma delas se rompe, volta-se ao caos, ao desequilíbrio das fragmentações. 2. Somos habitadas pelo Mistério, mas ao mesmo tempo esta Presença que nos habita irrompe de todo o universo. Deus é Deus em nós, em todas as pessoas, em toda a natureza, em todo o universo. Um Deus criador, trabalhador, presente na imensa multidão de seres vivos que mantêm acesa a chama da vida em todo o cosmos.

São milhões e milhões de anos de um trabalho paciente e artístico. Por isso, Jesus disse: “Meu Pai trabalha sempre e eu também trabalho” (Jo 5,17). Para ajudar a entender esta imagem de Deus trabalhador, Jesus fala do seu poder de dar vida e de ressuscitar da morte (Jo 5,19). A imagem de Deus trabalhador nos remete a outra frase de Jesus: “eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10b). Este é o objetivo do seu e do nosso incansável trabalho (Mc 3,20-21).

Na sua contínua ação de criar e de resgatar vidas, de ressuscitar corpos, de incluir pessoas, de gerar comunidades como sinais do Reino de Deus, Jesus se coloca por inteiro, apaixonadamente, até o fim. Somente ligados a Jesus e entre nós podemos realizar nossa missão no mundo, em apaixonante trabalho criativo ou não, segundo as circunstâncias de cada situação e pessoa. Mas, como trabalhadoras e trabalhadores, somos sempre parceiros da comunhão divina e não somente criaturas e filhos ou filhas.

2.2. Comunhão divina criadora e prazerosa

O planeta Terra está ligado por um vínculo indestrutível, uma sabedoria que o coloca em um ritmo dinâmico de sustentabilidade e multiplicidade. Há uma íntima relação entre todos os elementos da Terra e do universo. Mas, segundo a tradição cristã, com o pecado, a criação inteira ficou submetida, dominada, corrompida e, por isso, geme e suspira pela libertação (Rm 8,22).

Mas, a dor somente torna-se fecunda quando gera vida. O cuidado é a postura lúcida e responsável de quem se sente parte ativa e consciente desta maravilhosa e artística obra que é a criação, mantendo seus ouvidos bem colados ao ventre da terra, para escutar seus gemidos junto com os gritos de dor das famílias e comunidades de camponeses, indígenas, ribeirinhos, de todas as pessoas e da natureza que estão com a vida ameaçada pela ganância do sistema global do dinheiro.

A comunhão divina mostra-se de maneira surpreendente nas lutas de pessoas e comunidades contra os poderes que pisoteiam os direitos dos pobres e da natureza. A sabedoria criadora e cuidadora do universo é relacional, criativa e dançante. Em Provérbios 8,30-31 a escutamos afirmar que ela é artista e parceira de YHWH na obra da criação. Há comunhão e prazer neste poema cósmico em que a *hokmah* apresenta-se ao lado de Yahweh, antes e durante a criação do mundo.

E era a seu lado artista⁶
E era suas delícias dia a dia.
Dançava em sua presença todo o tempo,
dançava⁷ no vazio da terra
e me deliciava com a humanidade (Provérbios 8,30-31).

Entre estas palavras repetidas e aproximadas com cuidado e arte, encontra-se um sentido escondido. Podemos observar que no texto citado (Pr 8,30-31) não aparecem os nomes de Javé e da *Sabedoria*. No entanto, o texto apresenta uma visão da espiritualidade das famílias judaítas, no pós-exílio. Uma espiritualidade marcada pela experiência do prazer, da integração com a natureza, das relações interpessoais que se expressam nas casas, nas liturgias domésticas. Porque dançar diante de Javé é liturgia.

A espiritualidade que transparece no texto de Pr 8, 22-31 não tem uma visão solitária da divindade. Javé, que está subtendido no texto, tem a *Sabedoria* ao seu lado, em prazerosa e criativa relação, enchendo de alegria o universo. Esta é uma visão surpreendente para a época do texto, que somente a poesia bíblica teve condições de expressar. Aqui vejo uma implicação poética e surpreendente com o tema deste artigo: “comunhão divina como modelo de relações-holismo”.

No contexto bíblico do pós-exílio, quando as guerras entre os impérios persa e grego aumentam a exploração e empobrecimento do povo, a sabedoria convida a todos para um encontro com ela, a fim de viver na doçura e leveza da sua presença: “Pensar em mim é mais doce que o mel, e possuir-me é mais doce do que o favo de mel” (Eclo 24,19).

Oferecer doçura a um povo desorientado, perdido e cansado sob a opressão violenta dos exércitos inimigos afaga o coração. E, para fortalecê-los na sua caminhada histórica, a Divina Sabedoria afirma: “Meus caminhos são deliciosos e minhas trilhas conduzem ao bem estar” (Pr 3,17). E, ela mesma afirma que “caminha pelas sendas da justiça e pelos caminhos do direito” (Pr 8,20).

⁶ O termo hebraico *'amon* tem o sentido “artista” ou “artífice” e dá à sabedoria um status de parceira de Javé na criação.

⁷ Algumas traduções trazem *brincava*. O tronco do verbo está em *piel* participio e me permite a tradução por *dançava*, um termo mais coerente com todo o discurso poético da sabedoria. Ao mesmo tempo em que mantém o ambiente de alegria e gozo relacional, que perpassa o texto.

2.3 - Eu e o Pai somos um

Jesus como Sabedoria é uma imagem e uma experiência com que as mulheres mais se identificam, no período pós-exílico. Esta espiritualidade bíblica das mulheres que se rebelaram contras as reformas de Neemias e Esdras tem registros tanto no Antigo Testamento como na tradição dos judeus. A Sabedoria convida a todos para uma festa litúrgica, celebrando a volta do exílio da Babilônia. Nesta festa sagrada, ela se dá a si mesma como alimento. Quem a come fica com mais desejo de se impregnar e se saciar dela. “Os que se alimentam de mim terão ainda mais fome, e os que bebem de mim terão ainda mais sede” (Eclo 24,20).

A comunidade joanina conhece essa tradição e a relê a partir de sua fé em Jesus, buscando dar-lhe um novo significado teológico. Jesus é a encarnação da Sabedoria divina que se dá em alimento. Quem come e bebe esta comida jamais voltará a ter fome ou sede, pois ficará plenamente saciado. “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim não terá mais fome, e quem acredita em mim nunca mais terá sede” (Jo 6,35).⁸

O jeito novo, inédito, de Jesus se relacionar com as pessoas e a força provocadora da sua profecia têm sua origem na relação de intimidade que ele mantém com o seu *Abbá*. Essa expressão brota do mais profundo do seu ser. Lembra a relação de carinho, de intimidade e de confiança das crianças com seus pais. Mostra que Jesus experimenta Deus como alguém muito próximo, bom, compassivo, querido, dialogável. Jesus nutre essas relações novas e cheias de ternura, assim como sua audaciosa profecia, através dos momentos de intimidade com o seu *Abbá*. Depois de longas caminhadas e dias cheios de encontros, curas e ensinamentos às multidões excluídas do sistema religioso do seu tempo, Jesus refaz as suas forças em silêncio, nas madrugadas, nas montanhas ou desertos (Mc 1,35; Lc 5,16; 9,18). alusão

As comunidades Joaninas conseguem captar estas relações de Jesus, a partir de sua própria experiência. Por isso, no evangelho de João não encontramos a narrativa da agonia solitária de Jesus no Horto das Oliveiras (Mateus 26,36-46; Marcos 14,32-42; Lucas 22, 39-44) e sim a sua confiante e amorosa entrega para que o amor, que ele mesmo experimenta, seja a experiência básica que una e sustente as comunidades. Em sua oração final, do capítulo de João 17, Jesus justifica seu pedido pela união das comunidades: “Pai, aqueles que tu me deste, eu quero que estejam comigo onde eu estiver,... a fim de que o amor com que me amaste esteja neles” (Jo 17,26b). É a comunhão com seu *Abbá* que fortalece Jesus diante da iminente prisão, tortura e morte na cruz:

⁸ Aqui, podemos encontrar tanto uma alusão à identificação de Jesus com a sabedoria, como uma menção à eucaristia, tema especial de todo o capítulo 6 de João.

“Eis que chega a hora – e ela chegou –
em que vos dispersareis, cada um para o seu lado,
e me deixareis sozinhos, mas **eu não estou só**,
porque o Pai está comigo” (Jo 16,31-33).

Em comunhão aberta a toda criação, Jesus entrega-se. Busca manter uma relação identitária com o Pai, “para reconciliar todos os seres, os da terra e os dos céus, realizando a paz pelo sangue da sua cruz” (Cl 1,20b). As comunidades de João repetem, de diferentes formas, a afirmação de que entre Jesus e seu Deus há uma total identidade: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30); “o meu julgamento é verdadeiro, porque eu não estou só, mas comigo está o Pai que me enviou” (Jo 8, 16b); “mesmo que não acrediteis em mim, crede nas minhas obras, a fim de conhecerdes sempre mais que o Pai está em mim e eu no Pai” (Jo 8 19); “crede-me, eu estou no pai e o Pai está em mim. Crede-o, ao menos, por causa dessas obras” (Jo 14,11). A prática e os ensinamentos de Jesus, junto à multidão de pobres do seu tempo, estão marcados por relações de comunhão e presença solidária, misericordiosa, próxima, cuidadora, gratuita, revitalizadora.

Jesus ora para que o Espírito ilumine as comunidades e realize a comunhão no amor, na abertura, na solidariedade, na superação dos preconceitos que a impedem de ser testemunhas de sua contínua presença no mundo: “Mas o Paráclito, o Espírito Santo que Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que vos disse” (Jo 14,26). E seu desejo mais profundo está expresso a longa oração do capítulo 17 de João:

“Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti,
que eles estejam em nós,
para que o mundo creia que me enviaste” (Jo 17,21b).

3. *Voltando ao começo para seguir adiante*

Na busca de superação das imagens patriarcais de Deus, que nos aprisionam nas imagens da Divindade fora e distantes de nós, vimos a comunhão divina realizando um trabalho contínuo, criativo, restaurador, resgatador, que busca manter o equilíbrio do universo, de todas as Galáxias, de todos os Oceanos e também da vida, em suas pequeninas e desconhecidas expressões. Uma Divindade trabalhadora, presente na imensa multidão de seres vivos que mantêm acesa a chama da vida em todo o cosmos.

Na sua contínua ação de resgatar vidas, de incluir e curar pessoas, de gerar comunidades como sinais do Reino de Deus, Jesus coloca-se por inteiro na realização desse trabalho, com um objetivo muito claro: “para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10b).

Vimos a Sabedoria criadora e cuidadora do universo como Divindade relacional, criadora e artista. Ela se apresenta junto de Yhweh antes

e durante a criação do mundo, em prazerosa relação (Provérbios 8,22-31). Esta metáfora é surpreendente para a época do texto, e somente a linguagem poética possibilitou tal confissão de fé.

Olhamos para Jesus como encarnação da Sabedoria Divina que se dá em alimento. Ela dizia: “Quem me come terá ainda mais fome...” (Eclo 24,20). Jesus afirma: “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim não terá mais fome...” (Jo 6,35). Metáfora surpreendente, relacionada à oferta do alimento. Celebrar a eucaristia pede compromisso de partilhar o pão cotidiano. Algo que se choca tremendamente com a concentração de terras e de riquezas, deixando mais de 108 milhões de pessoas passando fome no mundo.

4. *Convites da Gratuidade*

Acolho todos os nomes de Deus que as diferentes culturas e religiões encontram para expressar seu assombro diante do mistério. Mas, há nomes, como este da Gratuidade, que têm muito a ver com meu processo de ser. Gosto de observar que a profecia de Isaías 55,1-3 ousa animar-nos a saciar nossa sede de comunhão com a Divindade aproximando-nos dela gratuitamente, sem pagar nada, sem mérito nenhum.

A abundante gratuidade deste convite acaricia o coração dos exilados que voltaram a Judá e também dos ‘pobres da terra’ que ali ficaram. É uma figura de consolo que nutre a teimosa esperança de um povo que não vê mais um horizonte, porque perdeu a perspectiva de futuro e sente-se desprovido de mérito. Pior ainda, sente-se culpado pelo desastre que aconteceu com a destruição de Jerusalém, pela Babilônia. Acolhendo o convite gratuito, livres de culpa e reencontrando-se com a misteriosa e gratuita presença libertadora de Deus em sua caminhada, o povo bíblico ousa reconstruir sua identidade e fazer história.

Somente quando conseguimos saborear sem culpa e sem medo a presença gratuita e amorosa da Comunhão Divina podemos abrir-nos às relações gratuitas e prazerosas, cuidadoras e ternas com pessoas e natureza, para continuar fazendo história de libertação pessoal e coletiva: “Todos vocês que estão com sede, venham buscar água! Ouçam-me com atenção e comerão bem e saborearão pratos suculentos. Venham também os que não têm dinheiro: comprem e comam sem dinheiro e bebam vinho e leite sem pagar” (Isaías 55,1-3).

Nos encontros entre pessoas amigas, entre comunidade, família, através de comidas partilhadas música e dança, podemos experimentar este prazer e interpretar esses encontros como experiências profundas da Comunhão Divina em nós e entre nós. Na partilha solidária, no cuidado com a terra, na compaixão com os seres vivos mais fragilizados, na caminhada conjunta da libertação encontramos a comunhão divina em nós, nas pessoas, na história. Descobrimos, então, que viver é pura gratuidade.

Nunca pedimos para existir. Mas, estar viva e tomar consciência de tudo quanto temos recebido cotidianamente da vida alarga o coração, ampliar o ser interior. Encontros com pessoas, experiências de superação, ajudam-nos a experimentar a comunhão divina nas relações.

A ternura e o acolhimento consolam e revitalizam, porque possibilitam a experiência de ser amadas. Nós podemos experimentar e oferecer este abrigo nas relações de acolhida, perdão, amizade, gratuidade ao mesmo tempo em que experimentamos também nossa fragilidade, limitações e dificuldades nas relações. A fé na presença da comunhão divina no cotidiano de nossas vidas e em cada pessoa é motivo de profunda alegria, de um transformante dinamismo, de uma energia que vem de dentro, do mais profundo do ser.

Conclusão aberta

Vivemos em tempo de crise perigosa, em ocasião de grandes mudanças. Esta “época de mudança” pede muito discernimento para assumir novas posturas diante da vida. Ou assumimos que somos parte e participantes de uma complexa e diversificada teia de vida, que nossas atitudes têm influência sobre a qualidade dessa vida no presente e no futuro, ou seguiremos inconscientemente reproduzindo o modo consumista de viver, que está comprometendo a continuidade do planeta Terra.

“Nossa herança genética natural apresenta-nos a possibilidade de formar relacionamentos profundamente vinculados aos mais de dez milhões de espécies vivas, bem como a todos os componentes inanimados do universo. É impossível qualquer separação fundamental dessa comunidade mais ampla que nos envolve, e qualquer ideologia que nos proponha que o universo não é nada além de uma coleção de itens de consumo será mantida somente por meio de um custo terrível”.⁹

A alegria de viver, de ver as crianças crescerem com saúde, relacionando-se na liberdade cuidadosa com todos os seres e inventando sempre novos jeitos de ser e de conviver, sem romper a comunhão vital que está na raiz da existência é uma opção. Não é algo que acontece automaticamente. Supõe descobertas, reflexões conjuntas, tomada de decisão pessoal e também compartilhada.

“Estamos sendo insistentemente convidadas(os) a retomar nossas raízes de comunhão com a Terra, com todos os povos, com todos os seres vivos, a captar a transcendência não como uma realidade para além, isolada em si mesma, mas a transcendência em nós, conosco, na Terra, no cosmos, em toda parte”.¹⁰

⁹ Brian Swimme. O coração oculto do cosmos A humanidade e a nova história. São Paulo: Cultrix, 9ª edição, 2004, p 50.

¹⁰ Ivone Gebara, Trindade, palavra sobre coisas velhas e novas – Uma perspectiva ecofeminista, p.61.

Em vez de cair na depressão ou no desânimo pelos fracassos, retrocessos políticos e religiosos, pela perversa concentração dos bens que garantem a vida, podemos retomar o caminho de volta ao sentido da vida, através das relações abertas e solidárias, assumidas em grupos, cuidadosas e ternas. E, este sentido da vida é aberto ao futuro, com um permanente convite da comunhão divina. Uma proposta que se torna possível quando se vive em comunidades de fé, mas não somente de fé cristã. Ela é vivida entre pessoas que acreditam na vida, trabalham e amam sem medo!

Mercedes Lopes MJC – Brasil
lopesmercedes@live.com